

## A MORAL PROVISÓRIA EM RENÉ DESCARTES

Angela Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem a finalidade de mostrar em que consiste e qual o objetivo da moral provisória, uma vez que ela é a última das ciências na árvore do saber. Mostra o motivo pelo qual é necessário uma moral e por que não se pode ficar irresoluto enquanto se constrói os fundamentos da ciência. Como atuar na vida até a construção do saber? Também explica o espírito do método, da moral e qual a diferença entre ambos. Apresenta as quatro máximas desta moral, explicando cada uma e quais são seus tópicos principais para se ter uma conduta moral. Após explicá-las, questiona por que Descartes usa o termo "provisória" e se esta moral poderia ser definitiva. Mostra também a relação da moral com o cotidiano, pergunta se ela seria uma parte da ciência e se devemos segui-la até a elaboração de uma moral definitiva. Será que esta moral está dentro de uma ordem no projeto cartesiano? Por fim, esclarece como o autor concebe a razão teórica e a razão prática.

**Palavras-chave:** Moral. Provisória. Preceitos. Definitiva.

**Abstract:** This article is intended to show what is and what is the purpose of provisional morality, since it is the last of the sciences in the tree of knowledge. Shows the reason why one needs a moral and why can not remain irresolute while building the foundations of science. How to act in life to the construction of knowledge? Also explains the spirit of the method, morals and the difference between them. Presents the four maxims of this moral, explaining each one and what are your main topics to be moral conduct. After explaining them, questions why Descartes uses the term "provisional" and if this moral could be definitive. Shows also the relationship of morals with daily life, asks if she would be a part of science and whether we should follow her until the elaboration of a moral definitive. Does this moral is within an order in Cartesian project? Finally, the author explain show to conceive a theoretical reason and practical reason. Shows the others points of views autor about if the moral is "par provision" or "definitive".

**Keywords:** Moral. Provisional. Precepts. Definitive.

O sistema de Descartes é dedutivo, isto é, é preciso ir dos fundamentos para as consequências. Ele exprime essa ideia na imagem da árvore do saber, cujas raízes são a metafísica; o tronco, a física; e os ramos, a mecânica, a medicina e a moral. Isso traduz que “uma moral é deduzida de uma metafísica e de uma física completa<sup>2</sup>” que pretende ser científica. Quer dizer que a moral “pressupõe um conhecimento integral das outras ciências, justamente porque ‘a mais elevada e mais perfeita [moral] é o último grau da sabedoria” Descartes declara: “a perfeição da vida depende da mais elevada e mais

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: [angelagoncalvesjolie@gmail.com](mailto:angelagoncalvesjolie@gmail.com). Tel: (51) 9623-3611.

<sup>2</sup> SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes: a metafísica da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994. p. 88.

perfeita moral”<sup>3</sup>. Segundo Gueroult: “C`est encore elle que sousentend Descartes lorsqu`il conçoit que la morale la plus parfaite “présuppose l`entière connaissance dès autres sciences [...]”<sup>4</sup>.

Não existe a possibilidade de se formular uma moral e definitiva no estágio da dúvida, ou no estágio da elaboração das ciências que são anteriores, mas a moral se faz necessária desde já enquanto se reconstrói a ciência. Enquanto eu não tiro a moral da dúvida, eu preciso ter uma moral provisória vivendo no meu país. Devo estar em contato com a sociedade, com outros homens sob determinadas leis e costumes, num certo país. O objetivo da moral provisória é permitir a Descartes ocupar-se com a busca da verdade. Ela fornece um alojamento temporário durante a construção do edifício do conhecimento. Segundo ele, antes de se iniciar a reconstruir a casa que se habita, não basta apenas derrubá-la, nem preparar materiais e arquitetos, nem aprendermos nós mesmos a arquitetura e nem traçarmos o seu plano. É sim necessário para Descartes: “ter-se provido de outra (casa) qualquer onde a gente possa alojar-se comodamente durante em que nela se trabalha”<sup>5</sup> Descartes diz que é preciso acumular provisões para a construção da casa; provisão de materiais. Segundo Étienne Gilson, a palavra “provision”, deve ser entendida como “approvisionnement”<sup>6</sup>. Gilson mostra que os termos *par provision* e *en attendant*, na língua francesa se equivalem. Esta posição do autor é fundamentada a partir da leitura do texto em latim onde é encontrado também a expressão *ad tempus*<sup>7</sup>. Todas estas expressões significam uma atitude de espera enquanto não se obtém máximas mais certas. A moral, tal como é apresentada no Discurso, é necessária para que o homem não exite em agir, enquanto não se tem um juízo claro e distinto de como conduzir suas ações<sup>8</sup>. O termo certo para “Moral Provisória” seria “Moral por provisão” e não provisória segundo Gilson. A moral provisória faz-se necessária enquanto Descartes está envolvido no projeto da construção da ciência verdadeira. Enquanto se pode fazer uma suspensão de juízos, não se pode fazer uma suspensão de ações. A moral objetiva exoneração da irresolução no que tange às ações humanas.

Segundo Merkaert<sup>9</sup>, num primeiro momento, a irresolução impede a ação, mas é uma etapa necessária ligada à dúvida. Saliente-se que há uma perfeita independência entre o plano de ação e o plano do pensamento, pelo menos nesta etapa da construção do sistema.

Pode-se questionar qual é o lugar da moral provisória no sistema cartesiano e se é apenas um momento passageiro. Pode-se dizer que ela não é um momento passageiro e se insere sistematicamente no conjunto da obra do autor. A moral foi tirada do método.

---

<sup>3</sup> DESCARTES, René. **Princípios da filosofia**. 4. ed. Lisboa: Guimarães, 1989a. p. 48.

<sup>4</sup> GUEROUULT, Martial. **Descartes selon l'ordre des raisons**. II L`Ame et Dieu, Paris: Aubier-Montaigne, 1968. p. 243.

<sup>5</sup> “[...] *mais qu`il faut aussi s`être pourvu de quelque autre où on puisse être logé commodément pendant le temps qu`on y travaillera*; [...]”. (DESCARTES, 1953, p. 140, (Discours de la méthode: Troisième Partie)).

<sup>6</sup> MARQUES, Giordino. **Descartes e sua concepção de homem**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 110.

<sup>7</sup> GILSON, Étienne. **Discours de la méthode: texte et commentaire**. Paris: Vrin, 1967. p. 230.

<sup>8</sup> DESCARTES, 1963, p. 591 apud PIMENTA, Alessandro R. O pensamento moral em Descartes. **Pensando Revista de Filosofia**, v. 3, n. 5, 2012.

<sup>9</sup> MERKAERT, Norma. Les trois moments moraux du Discours de la méthode. **Revue philosophique de Louvain**, n. 73, 1975. p. 613.

Mas a constituição dessa moral tem um espírito diferente do espírito do método. O fundamento do método é a dúvida, tem que se suspender o juízo até chegar a uma ideia clara e distinta. Na moral, ao contrário, cumpre confiar nas autoridades, seguir as tradições. Aqui cumpre ater-se às verossimilhanças, ao passo que no método não se pode contentar com o verossímil.

A moral provisória é um período anterior à realização do método cartesiano onde não há estagnação da procura da verdade e sim um trabalho de preparação à realização do mesmo. São estabelecidas regras ou máximas com o objetivo de não ficar paralisado pela incerteza nos assuntos práticos, não filosóficos da vida.<sup>10</sup> Neste período, existe uma contradição radical entre não permanecer irresoluto no que concerne às ações práticas, ao mesmo tempo que a razão se obriga a ser irresoluta em seus juízos. Apesar disso, tem que se viver o mais felizmente possível.

Por isso, Descartes apresenta quatro máximas às quais chama de moral provisória. A primeira é:

Era obedecer às leis e aos costumes de meu país, retendo constantemente a religião em que Deus me concedeu a graça de ser instruído desde a infância, e governando-me, em tudo o mais, segundo as opiniões mais moderadas e as mais distanciadas do excesso, que fossem comumente acolhidas em prática pelos mais sensatos daqueles com os quais teria de viver.<sup>11</sup>

Apesar das incertezas das crenças anteriores, é melhor levar uma vida sensata e moderada. Para que isso aconteça, é melhor seguir diretrizes, ou seja, obedecer às leis, aos costumes de seu país e à religião que Deus lhe concedeu a graça. Seguir também as ações das pessoas mais sensatas e moderadas significa que é mais provável que as mesmas sejam mais corretas do que ações extremas. Pois geralmente, as pessoas falam coisas e agem do modo diferente na prática. Essas são ações imoderadas e insensatas. Logo, uma pessoa moderada e sensata age e vive de acordo com elas. A moderação e a sensatez, no caso, podem ser consideradas meios para não se desviar do reto caminho, pois é mister para Descartes não se desviar do aperfeiçoamento cada vez mais dos seus juízos. O excesso é a radicalização do "meio caminho", ou seja, da moderação. É mais fácil não errar pela moderação e sensatez a fim de não se desviar do verdadeiro caminho. A crença religiosa também, neste período de dúvida, é um meio pelo qual pode-se apoiar, pode servir de guia para a conduta moral.

Sua segunda máxima diz respeito ao indivíduo ser firme em suas ações e não dar crédito a opiniões duvidosas: "minha segunda máxima consiste em ser o mais firme e o mais resolutivo possível em minhas ações, e em não seguir menos constantemente do que se fossem muito seguras as opiniões

---

<sup>10</sup> SKIRRY, 2010, p. 203.

<sup>11</sup> *“La première était d’obéir aux lois et aux coutumes de mon pays, retenant constamment la religion en laquelle Dieu m’a fait la grâce d’être instruit dès mon enfance, et me gouvernant en tout autre chose suivant les opinions les plus modérées et le plus éloignées de l’excès, qui fussent communément reçues en pratique par les mieux sensés de ceux avec lesquels j’aurais à vivre”*. (DESCARTES, 1953, p. 141, (Discours de la méthode: Troisième partie)).

mais duvidosas; sempre que eu me tivesse decidido a tanto".<sup>12</sup> Ser irresoluto é um mal. A vida, em especial as ações, excluem hesitações. Mesmo que não se tenha certeza de tal verdade, deve-se tomar a atitude mais provável. Pelo menos se está a meio caminho andado, é ainda melhor do que se tivesse indiferente, irresoluto, sem tomar atitude alguma. Urge uma firmeza de ação nesta máxima. A segurança moral livra a consciência de arrependimento e de remorsos, fruto de irresoluções. Descartes diz a saber: "de consciência de espíritos fracos e vacilantes que se deixam levar a praticar ações como boas, as coisas que depois julgam más".<sup>13</sup> Ficar parado ou perambular de um lado para o outro (como o exemplo do viajante) nunca se encontra o caminho verdadeiro. É imperiosa a necessidade de, mesmo que não se chegue onde queira, pelo menos encontrar uma situação melhor ou um caminho mais provável. Não existe o correto nas ações, mas o mais provável. A resolução de alguma coisa é importante para se fazer algum progresso. Temos que escolher algum caminho, e ser este, tratado como o mais correto e verdadeiro. Este caminho não pode ser mudado por qualquer motivo banal, mas por razões sérias.

Dito isso, a terceira máxima refere-se ao controle de desejos: vencer a si próprio e controlar os próprios pensamentos.

Minha terceira máxima era a de procurar sempre antes vencer a mim próprio do que à fortuna, e de antes modificar os meus desejos do que a ordem do mundo; e, em geral, a de acostumar-me a crer que nada há que esteja inteiramente em nosso poder, exceto os nosso pensamentos, de sorte que, depois de termos feito o melhor possível no tocante às coisas que nos são exteriores, tudo em que deixamos de nos sair bem é, em relação a nós, absolutamente impossível.<sup>14</sup>

O homem e, propriamente dito, seus pensamentos é que tem autonomia. Ele dirige-se a si mesmo, ele é que tem seu autocontrole. Aqui, Descartes enaltece o autocontrole racional, ou seja, eu é que comando os meus desejos que é o segredo da felicidade. A força é interior, o que está em nosso poder são nossos pensamentos. Deve-se desejar apenas as coisas que estão em nosso poder alcançar e não aquilo que está além dele, porque existem coisas que não estão ao nosso alcance. Deve-se também abstrair à fortuna. Esta regra pressupõe uma disciplina de nossos poderes porque nossos apetites e

---

<sup>12</sup> *"Ma seconde maxime était d'être les plus ferme et le plus résolu en mes actions que je pourrais, et de ne suivre pas moins constamment les opinions le plus douteuses, lorsque je m'y serais une fois déterminé, que si elles eussent été très assurées"*. (DESCARTES, 1953, p. 142, (Discours de la méthode: Troisième partie)).

<sup>13</sup> *"[...] les consciences de ces esprits faibles et chance lants, qui se laissent aller inconstamment à pratiquer comme bonnes les choses qu'ils jugent après être mauvaises"*. (DESCARTES, 1953, p. 142, (Discours de la méthode: Troisième partie)).

<sup>14</sup> *"Ma troisième maxime était de tâcher toujours plutôt à me vaincre que la fortune, et à changer mes désirs que l'ordre du monde; et généralement de m'accoutumer à croire qu'il n'y a rien qui soit entièrement en notre pouvoir que nos pensées, en sorte qu'après que nous avons fait notre mieux touchant les choses qui nous sont extérieures, tout ce qui manque de nous réussir est au regard de nous absolument impossible"*. (DESCARTES, 1953, p. 142-143, (Discours de la méthode: Troisième partie)).

nossas paixões nos ditam justamente o contrário e atrapalham nossa paz interior nos fazendo desejar o impossível.

Para a conclusão dessa moral, Descartes cita como última máxima:

Enfim, para a conclusão dessa moral, deliberei passar em revista as diversas ocupações que os homens exercem nesta vida, para procurar escolher a melhor; e, sem que pretenda dizer nada sobre as dos outros, pensei que o melhor a fazer seria continuar naquela mesma em que me achava, isto é, empregar toda a minha vida em cultivar minha razão, e adiantar-me, o mais que pudesse, no conhecimento da verdade, segundo o método que me prescrevera.<sup>15</sup>

Nesta última máxima, Descartes depois de refletir sobre as ocupações, todos os trabalhos da vida, chega a conclusão de que a melhor ocupação é a dele, ou seja, ocupar-se em cultivar a razão e principalmente na busca da verdade. Ocupar-se com o método que prescreva é a melhor ocupação. Descartes encontra-se satisfeito, honroso e feliz de seguir a sua vocação; a procura da verdade segundo a razão. O nosso entendimento é que julgará se algo é bom ou ruim e temos que julgar o "melhor possível, para proceder também da melhor maneira".<sup>16</sup>

Diante destas máximas, pode-se questionar por que Descartes usa o termo "Moral Provisória". Por um lado, pode-se deduzir que Moral Provisória seria um código moral temporário, ou seja, enquanto ele está envolvido no seu projeto de dúvida metodológica. Parece que resolvidas estas dúvidas, surgirá um novo código moral certo e permanente. Ela seria uma etapa (não irresoluta), enquanto Descartes duvida de tudo (busca a verdade) dentro da ordem das ações (conduta) para buscar o melhor possível ou mais razoável nos mesmos, buscando a felicidade ou viver o melhor possível, segundo a razão. Ela depende de nós mesmos, da melhor utilização do nosso livre arbítrio. Esta etapa é de suma importância para uma direção da moral antes de se encontrar a verdadeira ciência. Pode-se dizer também que está inserida numa ordem do método de Descartes. Faz parte do todo. Pode-se também perguntar o que tem a ver moral com conhecimento. Parece que a ética depende da ciência, ela (a ética) só poderia ser definitiva e não provisória com a conclusão do método cartesiano. Presume-se que ela seria uma ramificação da ciência, talvez.

Há controvérsias entre autores sobre a possibilidade de uma moral cartesiana definitiva ou científica – apesar de Descartes não tê-la escrito. Para Étienne Gilson<sup>17</sup>, a “moral definitiva” é possível, e só não foi escrita por questões contingenciais à vida de Descartes. Segundo ele, algumas

---

<sup>15</sup> “*Enfin, pour conclusion de cette morale, je m’avisai de faire une revue sur les diverses occupations qu’ont les homes en cette vie, pour tâcher à faire choix de la meilleure; et, sans que je veuille rien dire de celles des autres, je pensai que je ne pouvais mieux que de continuer en celle-là même ou je me trouvais, c’est-à-dire que d’employer toute ma vie à cultiver ma raison, et m’avancer autant que je pourrais en la connaissance de la vérité, suivant la méthode que je m’étais prescrite*”. (DESCARTES, 1953, p. 143-144, (Discours de la méthode: Troisième partie)).

<sup>16</sup> “[...] *le mieux qu’on puisse pour faire aussi tout son mieux [...]*” (DESCARTES, 1953, p. 143-144, (Discours de la méthode: Troisième partie)).

<sup>17</sup> GILSON, 1979, p. 65.

máximas como é o caso da terceira regra, a da firmeza das ações, Descartes “passará tal qual à moral definitiva”.

Já Lívio Teixeira<sup>18</sup> alega que Descartes jamais escreveu tal moral, dita definitiva e nem se quer a poderia escrever, isto porque - entende aquele comentador -, a lógica interna da metafísica cartesiana não o permitiria. Ainda segundo este autor<sup>19</sup> a moral de Descartes é racional pois deve ser orientada pela razão ou inteligência.

Concorda-se com este autor, porque no campo da moral não é possível ter ideias claras e distintas, e também porque tais ideias derivam da união substancial da alma e do corpo. Não há como ter rigor científico na conduta moral, e no que concerne a problemas humanos não temos clarividência.

Ainda a moral cartesiana pressupõe um saber metafísico - Deus é o termo e a garantia de seu sistema metafísico, logo o sujeito tem em Deus a garantia última do agir moral.

Então, antes de habitar comodamente o edifício da ciência, faça-se uma provisão de regras para não permanecer indeciso no que diz respeito às ações.

## Referências

DESCARTES, René. *Discurso do método; As paixões da alma*. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DESCARTES, René. *Princípios da filosofia*. 4. ed. Lisboa: Guimarães, 1989.

GILSON, Étienne. *Discours de la méthode: texte et commentaire*. Paris: Vrin, 1967.

GILSON, Étienne. *Discours de la méthode: texte et commentaire*. Paris: Vrin, 1967.

GUEROULT, Martial. *Descartes selon l'ordre des raisons*. II L'Âme et Dieu, Paris: Aubier-Montaigne, 1968.

MARQUES, Giordino. *Descartes e sua concepção de homem*. São Paulo: Loyola, 1993.

MERKAERT, Norma. Les trois moments moraux du Discours de la méthode. *Revue philosophique de Louvain*, n. 73, 1975.

PIMENTA, Alessandro R. O pensamento moral em Descartes. *Pensando Revista de Filosofia*, v. 3, n. 5, 2012.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Descartes: a metafísica da modernidade*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

SKIRRY, Justin. *Compreender Descartes*. São Paulo: Vozes, 2010.

TEIXEIRA, Lívio. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura e Editora Brasiliense, 1990.

---

<sup>18</sup> TEIXEIRA, Lívio. **Ensaio sobre a moral de Descartes**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura e Editora Brasiliense, 1990.

<sup>19</sup> Ibid., p. 111-112.